



No ponto mais elevado da reserva de Bracuí começam a surgir as casas da nova aldeia guarani, feitas de madeira e cobertas de palha, como costumam ser no sul do país

# A volta dos guaranis

Para “plantar, colher e viver em paz”, 136 índios se instalam em Angra, de olhos postos no futuro

João Baptista de Freitas

Os corpos não mostram pinturas ou outros sinais de guerra e as mãos não carregam armas e sim ferramentas. Nos rostos, exibem uma das características da raça: a simpatia. Nas mentes, os valores culturais que ao longo dos séculos têm impedido que, apesar da convivência com os brancos, percam a identidade; e também uma forte esperança de que finalmente encontraram a “terra sem males” há muito buscada. E assim que 136 índios guaranis, vindos do sul do país, estão se instalando numa área do município de Angra dos Reis — Bracuí —, próxima ao Km 111 da BR-101 onde, como revela o velho cacique João Silva, seu povo quer apenas “plantar, colher e viver em paz”.

Se a viagem do Paraná para o Rio não tem a imponência das marchas que levaram outros povos indígenas das Américas à retomada de terras usurpadas pelos brancos, a chegada dos guaranis marca no entanto a fase final de um processo que pode ser um exemplo positivo de entendimento pacífico, capaz de assegurar os direitos de partes diferentes, sem apelos à violência. Segundo antropólogos, muitos guaranis habitaram a área de Angra dos Reis, que agora estão reocupando, após o governo do Estado desapropriá-la para esse fim. Em breve, entre adultos e crianças, eles somarão 200 indivíduos e uma aldeia, aliás um tipo de comunidade há muitos anos desaparecida do Estado do Rio, que hoje conserva apenas um pequeno número de índios em Parati.

**Fato histórico** — O reapare-

cimento de uma aldeia no Estado do Rio é saudado por antropólogos como um fato cultural interessante, sobretudo porque à época do descobrimento do Brasil e, logo em seguida, por ocasião da chegada do primeiro branco à baía da Guanabara, por volta de 1502, as terras fluminenses eram dominadas por índios.

Certamente alheios a isso, mas imbuídos de uma intuitiva capacidade de distinguir as qualidades da terra, os guaranis mais idosos demonstram enorme euforia com a reserva que acabam de ganhar: o cacique João Silva, 76, está certo de que a lavoura a ser formada propiciará o alimento necessário à sobrevivência de seu povo.

— Somos simples, não temos ambições, queremos apenas a oportunidade de viver dignamente — explica João, que revela não enfrentar maiores problemas em liderar a comunidade. Ele entende que o índio puro não pode viver na cidade, precisa preservar seus costumes e prega aos adultos e jovens a necessidade de buscarem “o entendimento e evitam a bebida e as farras”.

Antes de se mudar para o município de Angra dos Reis, onde chegou há menos de dois meses, o velho cacique estava vivendo em Paranaguá. “Lá teimeci durante sete anos em formar uma horta, mas não houve jeito, não dava nada. Aqui, percebi que vou colher quase tudo que semear” — comenta satisfeito, ao mesmo tempo em que faz elogios à qualidade da água, à fartura das matas — “tem muito palmito” — e à beleza do lugar.

De fato, os 700 hectares que os 200 guaranis começam a ocupar em

Bracuí, embora englobem terras altas, de difícil acesso, guardam extensas faixas de florestas, escondem riachos de águas límpidas e podem produzir frutas como banana e laranja, além de mandioca e batata. A experiência com lavouras foi feita pelos oito colonos que até aqui ocupavam a área e, antes, pelas próprias famílias guaranis que ali viveram.

Dos remanescentes da comunidade guarani, que se instalou há cerca de 30 anos em Bracuí, hoje restam Aparício (30), sua mulher Joana e quatro filhos pequenos do casal. Sobrinho de João Silva, o cacique dos guaranis de Paranaguá, Aparício se sentia muito distante de seu povo e por várias vezes sugeriu à Funai que trouxesse algumas famílias para a região. Eufórico, há alguns meses soube que seu desejo seria concretizado e há dois viu os primeiros chegarem a sua casa, após uma caminhada de 50 minutos por uma picada na mata e uma longa viagem de ônibus do Paraná até a BR-101.

— Estou alegre, conheci muitos parentes, estou perto de gente da minha raça, que tem meus traços e fala uma língua que não esqueço — diz Aparício, que não só conversa em guarani com a mulher, como ensinou seus filhos a entenderem a língua de seu povo.

Trinta minutos de caminhada acima da casa de Aparício os guaranis recém-chegados constroem a nova aldeia com lascas de madeira formando paredes e palhas servindo de teto, obedecendo ao modelo tradicional usado no sul. Dentro de mais algum tempo, cada família terá sua casa com outra característica muito especial: sem paredes internas divisórias.



Desde cedo crianças se dedicam ao artesanato; para fazer um cesto levam quatro dias

## Língua e religião mantêm identidade

Se plantar e colher tornaram-se uma obsessão entre os guaranis recém-chegados a Bracuí, outro modo da sobrevivência desse povo não foi abandonado. Ao contrário, continua ocupando o tempo de muitos jovens e adultos e permanece como a base do sustento da comunidade. É o artesanato de taquaruçu, um tipo de bambu rústico e muito flexível usado na confecção de cestos e balaios, com desenhos que não mudam há séculos.

A insistência em não deixar que as crianças esqueçam a língua falada em suas aldeias, a preservação de vários costumes e sobretudo o culto às crenças religiosas originais são, por sinal, o meio com que os guaranis conseguem manter sua identidade, segundo afirma a diretora do Museu do Índio, antropóloga Cláudia Menezes. Para ela, apesar de pacíficos, os guaranis revelam incrível resistência e não perdem a identidade étnica, sendo essa uma das explicações para o não desaparecimento desse povo, que há anos enfrenta as mais variadas pressões em sua região de origem (a bacia do Prata), espremido entre o Brasil, a Argentina e o Paraguai.

Assim como acontece no sul, no Estado do Rio os guaranis começam a procurar as cidades próximas para oferecer o artesanato que produzem.

Ao mesmo tempo, vários grupos permanecem todo o dia à margem da BR-101, vendendo cestos e miniaturas de arcos e flexas adornados de penas coloridas. “Taquaruçu aqui não falta”, diz Amantino, 66, irmão do cacique João Silva, enquanto aponta para as compridas e finas varas do bambu que se destacam em vários pontos da mata.

Entre os 136 guaranis da aldeia em construção em Bracuí, cerca de 60 são crianças com menos de 12 anos. Amantino calcula que com a chegada do outro grupo, de 60 indivíduos, o número de crianças subirá para 80. “Nós somos um povo andarilho, mas acho que daqui ninguém vai querer sair mais. Essas crianças espalhadas aí no terreiro vão crescer, procriar e ajudar a perpetuar nosso povo”, antevê Amantino. À margem de um dos rios que banham a aldeia, Rosa, 65, uma das irmãs de João e Amantino, lava roupa em companhia de duas filhas pequenas. A água farta e limpa facilita sua tarefa, frequentemente aliviada com breves banhos numa pequena cachoeira.

João e outros adultos garantem que não pretendem caçar ou viver da derrubada de árvores, pois sabem que isso colocaria em risco a qualidade do lugar. “Só não temos lavouras

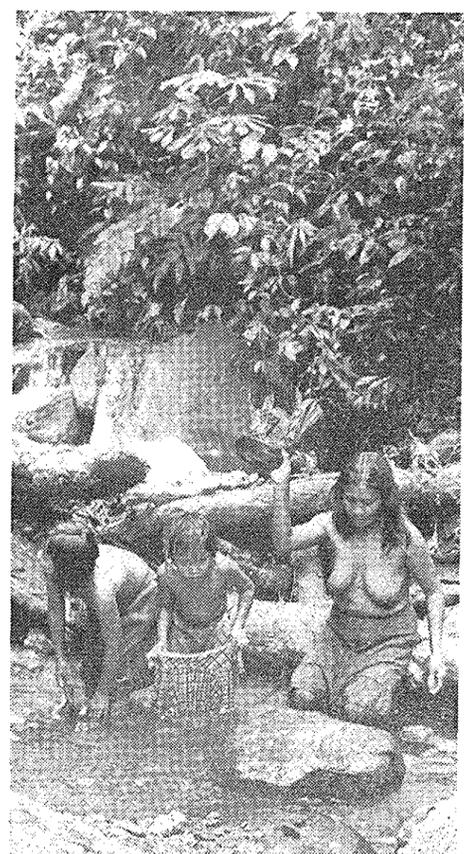
iniciadas porque nossas ferramentas não são suficientes e as prometidas pelo convênio entre a Funai e o governo do Estado ainda não chegaram”, explica o cacique.

Somados os que vivem no Mato Grosso, em São Paulo, no Estado do Rio, no Paraná, no Rio Grande do Sul, na Argentina e no Paraguai, os guaranis seriam hoje cinco mil. Pacíficos, eles conseguem evitar conflitos com os brancos que ocuparam suas terras, mas são tenazes na luta pela manutenção da identidade. “Guarani é uma palavra que significa guerreiro indomável, o que talvez explique a razão de, apesar da aparência e do comportamento de manso, a gente não entregar os pontos nunca”, revela o velho cacique João.

Na reserva de Bracuí, João e outros adultos identificam plantas de valor medicinal, descobrem utilidade para outras espécies, andam por todos os cantos desvendando os segredos do novo lugar. “Nossas crenças são fortes, sempre esperei encontrar a terra prometida. Acho que finalmente ela apareceu”, acrescenta João, com o assentimento do tio Inácio, 83 anos, o mais velho da comunidade e um dos mais otimistas quanto ao futuro da aldeia que surge em Bracuí. (J.B.F.)



Mãe e filho agora vivem felizes em Bracuí



Lavar roupa é trabalho para Rosa e filhas